

## Amizades reais, amizades virtuais<sup>1</sup>

### *Real Friendship, Virtual Friendship*

FELIPE DE AZEVEDO RAMOS, EP\*

**Resumo:** Esse breve artigo indaga a respeito da amizade partindo do pressuposto do instinto de socialização, visto sob o ângulo filosófico e antropológico. Em seguida, aborda-se o fenômeno da solidão e sua ocorrência na atualidade, em antinomia com a amizade. Por fim, com um olhar mais teológico, o trabalho passa a se concentrar na distinção entre amizade real e amizade virtual; entre amizade virtuosa e viciosa e quantos amigos deveríamos possuir, em particular no contexto de multiplicação de interações entre os indivíduos por intermédio da rede mundial de computadores, ou seja, a internet.

**Palavras-chave:** Amizade. Solidão. Instinto de socialização. Internet. Redes sociais.

**Abstract:** This brief article examines friendship starting from the assumption of the instinct of socialization, considered from the philosophical and anthropological angle. This is followed by a discussion of the phenomenon of loneliness and its present-day occurrence, in antinomy with friendship. Finally, from a more theological perspective, the paper focuses on the distinction between real and virtual friendship; between virtuous and sinful friendship and on how many friends we should have, particularly in the context of the multiplication of interactions among individuals through the worldwide web, that is, the internet.

**Keywords:** Friendship. Loneliness. Socialization instinct. Internet. Social media.

---

1. Este artigo extrai algumas ideias do nosso: Uma leitura tomista sobre a solidão e a amizade à luz da “Ética a Nicômaco” de Aristóteles e em diálogo com o mundo contemporâneo. *Lumen Veritatis*, v. 11, n. 44-45, 2018, p. 237-260.

\* Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP é Doutor em Filosofia pela Pontificia Università San Tommaso d’Aquino (*Angelicum*, Roma), com pós-graduação em Estudos Medievais (Diplôme Européen d’Études Médiévales – FIDEM) e professor no Instituto Filosófico Aristotélico Tomista. Contato: [feliperamos.br@gmail.com](mailto:feliperamos.br@gmail.com)

## Introdução

O poeta francês, Jean de la Fontaine (1621-1695), na fábula *O aviso de Sócrates* (IV, 17), imagina o filósofo grego edificando algumas casas. Durante o extenuante labor de engenharia, alguns passavam reclamando da fachada, já outros questionavam o seu espaço interior; no entanto, unânime era a opinião a respeito de suas dimensões: para eles, todas eram muito pequeninas. Diante daquela situação, contrapôs Sócrates: “São apertadas [as casas], é certo, – / Disse o sábio; – mas eu sei / Que de amigos verdadeiros / Cheias jamais as verei. E mais raro do que a Fênix / Um amigo verdadeiro: / Não há nome tão sagrado, / Que seja mais corriqueiro” (SEQUEIRA, 1843, p. 185).

A lição da alegoria é que, embora sejam os amigos elevados à categoria de “sagrado” para a nossa vida, os amigos verdadeiros sempre serão de número reduzido; não adianta, pois, querer construir casas imaginárias que abrigariam infinitos (e falsos) amigos... Pois bem, mas por que os (reais) amigos seriam poucos? Se existem “amigos verdadeiros”, existiriam também os “falsos”. Quem seriam eles?

## Instinto de socialização

Para responder a essas inquiuições, é mister abordar um dos instintos mais vincados em nossa natureza, a saber: o de socialização. O homem, como ensinou Aristóteles, é um animal *político* (cf. ARISTÓTELES, *Pol.*, I, 2 (1253a2-3)), pois vive numa *pólis* (cidade) para conviver com os demais. Já os animais irracionais unem-se em meros grupos gregários e, por isso mesmo, são incapazes de formar sociedades, mas apenas certas coletividades (manadas, matilhas, rebanhos, etc.).

Ora, considerando o referido instinto, é natural que os homens vivam em sociedade, até mesmo para a própria sobrevivência. Haja vista que nenhuma criança sobrevive sem o cuidado de adultos (ou mesmo, *in extremis*, de animais).<sup>2</sup> O completo isolamento é, sem dúvida, inexequível, pois a

---

2. No entanto, crianças abandonadas pelos pais e criadas por animais (*feral children*) apresentam, em geral, sérios problemas comportamentais, como incapacidade de aprendizado de uma língua, mutismo, incapacidade de locomoção bípede, sérios danos psíquicos, além de aversão

relação social é fundamental para o desenvolvimento físico e psíquico, além de fator indispensável para a manutenção das mais básicas necessidades vitais.

As referidas relações sociais ocorrem por vínculos de amizade, baseados no amor (mais especificamente: o hábito de amor de benevolência recíproco). Ora, o instinto de socialização entra em cena, precisamente, para impulsionar a amizade, pois nada há que o homem mais deseje e se alegre, do que amar e ser amado, conforme a clássica sentença de Santo Agostinho.<sup>3</sup> Destarte, a falta de amigos chega a ser interpretada – ao lado da infâmia, da pobreza, da doença e da morte – como um dos males que mais tememos (cf. ARISTÓTELES, *EN*, III, 6 (1115a10-11)). Todos naturalmente, desejam a companhia dos outros. Por isso que, no extremo oposto, o confinamento em celas solitárias é, normalmente, considerado uma das penalidades mais atrozés que alguém possa padecer.<sup>4</sup>

Contudo, verifica-se na contemporaneidade, um fenômeno pouco intuitivo, embora cada vez mais frequente. Na atual sociedade globalizada, como o próprio nome sugere, há, supostamente, sempre mais oportunidades de socialização e, por conseguinte, formação de novas amizades. Tudo acessível em instantes e à palma da mão. As mídias sociais e a velocidade da informação proporcionam, sem dúvida, maior facilidade na interação entre os indivíduos. Mas é possível afirmar que há hoje mais e melhores amizades que outrora? Vejamos essa questão pelo foco inverso, isto é, tratando antes de tudo da solidão.

### Solidão na vida do homem

Certa vez, perguntaram a Chesterton qual seria o único livro que ele levaria consigo para uma ilha deserta. Após uma pequena pausa, o pensador britânico replicou: “Já sei: Guia prático para a construção de navios” (YANCEY *In*: CHESTERTON, 2008, p. 7). De fato, como já pudemos entrever, o homem

---

a comportamentos tipicamente humanos (como o uso de vestuário), etc. Sobre isso, cf. e.g. SPREHE, 1961, p. 161-167; McNeil, Polloway, Smith, 1984, p. 70-79.

3. Cf. AGOSTINHO DE HIPONA. *Conf.*, II, 2, 2 (CCL 27, 18:11): “Et quid erat, quod me delectabat, nisi amare et amari?”

4. Sobre isso, cf. SMITH, 2006, p. 441-528.

possui inerente aversão ao puro isolamento. Nesse sentido, é natural que uma criança tenha medo de ficar sozinha e isolada na escuridão e em lugar ermo, mesmo que adultos procurem convencê-la de que estará protegida. Por outro lado, boa parcela do consueto temor da morte está relacionado com a ideia de separação dos amigos vivos. Já sob o ângulo teológico, o inferno nada mais é do que a solidão eterna (pena de dano) e o céu, a amizade perfeita dos bem-aventurados entre si e Deus.

Sem embargo, pesquisas recentes apontam que o fenômeno da solidão está em constante crescimento. Vários autores, de diversas áreas, sustentam que a solidão seria um dos mais graves problemas atuais de saúde pública, ou ainda, a mais recente epidemia da humanidade (cf. WORLAND, 2015; LEE et al., 2018, p. 1-16). No Reino Unido, chegou-se ao ponto de inventar, em 2018, um peculiar “Ministério da Solidão” (“The Ministry of Loneliness”). A esse propósito, é de se perguntar se não seria mais razoável criar um “ministério da amizade”, na mesma linha que existe o “ministério da saúde” e não o “ministério da doença”. Seja como for, é plausível considerar a solidão uma enfermidade pública, pois estudos comprovam que ela está associada aos mais prejudiciais problemas de saúde (como o infarto e a pressão alta), além da depressão e o aumento do risco de suicídio. Mais ainda: a solidão está na raiz de muitos crimes, como o abuso sexual (sobretudo, o estupro), o abuso de substâncias entorpecentes (e delitos que dele decorrem), comportamento violento, entre outros (cf. BUMBY e HANSEN, 1997, p. 315-331; MARTENS e PALERMO, 2005, p. 298-307; ROKACH, 2001, p. 277-291; ROKACH, 2002, p. 613-630).

É inegável, porém, que todo ser humano tem necessidade de momentos de isolamento, sobretudo, visando à contemplação de Deus. O silêncio sempre foi considerado sagrado. A própria vida solitária, do ponto de vista religioso, foi constantemente estimada como mais perfeita do que a vida comunitária (cenobítica). Não obstante isso, para São Tomás de Aquino, a solidão em si não pode ser considerada “a própria essência da perfeição” e “não é instrumento congruente para a ação”, pois é sobretudo “conveniente às vidas religiosas dedicadas à contemplação” (cf. TOMÁS DE AQUINO, *S. Th.*, II-II, q. 188, a. 8, co). A solitude religiosa seria, pois, uma via extraordinária, cuja meta não é o isolamento completo, mas sim a união com

o próprio Deus (1Jo 4, 16), que pode ser considerada a própria amizade por essência (*Deus amicitia est*).<sup>5</sup>

Além disso, se o homem fosse naturalmente um ser solitário – tampouco Deus é solitário<sup>6</sup> –, bastaria viver segundo as próprias paixões, sem qualquer intercomunicação. Destarte, as grandes civilizações nasceram, propriamente, a partir de cidades: Roma, Atenas, Jerusalém, etc. Pois bem, o dom da linguagem concedido aos homens não existe em vão, pois, por meio dele, é possível a transmissão de ideias e sentimentos numa comunidade (*pólis*). Em outras palavras, não seria congruente possuir a capacidade de comunicação sem conduzi-la ao devido fim.

### Amizade virtual ou amizade real?

Mas como explicar o fenômeno da solidão, quando hoje nos são oferecidas tantas possibilidades de comunicação? Ao contrário das aparências, a internet e as redes sociais nem sempre são antídotos contra o isolamento. Basta dizer que a interação *virtual* não é, propriamente, “convívio” (é apenas “simulada”). Antes, o excesso das mídias sociais pode até prejudicar o convívio amistoso no mundo *real*. A amizade *virtual* não é autêntica amizade, precisamente, porque é *virtual* e não *real*. A prova é que muitas pessoas se alistam como “amigas” de perfis ficticionais (*fake*). Contudo, a experiência comprova que as amizades só podem existir entre pessoas de carne e osso, cujo vínculo é alimentado pelo convívio físico.

5. AELREDO DE RIEVAULX. *De amicitia spirituali*, I, 69-70 (CCCM 1, 301).

6. Deus é uno, mas não “solitário”, explica Santo Hilário de Poitiers (*Trin.*, IV, 17, SC 448:20-32): “[D]icendo: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*. Sustulit singularis intellegentiam professione consortii. Consortium autem esse aliquod solitario ipsi sibi non potest. Neque rursum recipit solitarii solitudo faciamus, neque quisquam alieno a se nostram loquitur. Vterque sermo, et *faciamus et nostram*, ut solitarium eundemque non patitur, ita neque diuersum a se alienumque significat. Aut quaero, si cum audias solitarium, utrum non ipsum eundemque esse existimes, aut cum audias non ipsum neque eundem, ane quod solitarius tantum sit intellegas? In solitario ergo solitarius, in non eodem uero neque ipso non solitarius repperietur. Solitario ergo conuenit “*faciam*” et “*meam*” non solitario uero *faciamus et nostram*”. A própria Encarnação não se cumpriria, opina o Aquinate, se Cristo vivesse uma vida inteiramente isolada. Por isso, foi muito conveniente que o Filho de Deus convivesse com os homens (cf. *S. Th.*, III, q. 40, a. 2, co.).

O elevado número de supostos amigos em redes sociais (ou “curtidas” como hoje se blasona, com frequência), nem sempre afasta a solidão (tampouco a quantidade de inscritos num determinado “canal”). Pelo contrário, pode conduzir, graças à desenfreada busca de interações, a um círculo vicioso de ansiedade, distração e euforia, que de per si, são muito perniciosos para a amizade. De toda sorte, o simples compartilhamento de informações pessoais, ou mesmo íntimas, para conhecidos, pode criar a fantasia de que travamos *reais* amizades e o ilusório sentimento de segurança e popularidade. Todavia, Aristóteles ressalta que a autêntica amizade é sempre recíproca, concretizando-se sempre pelo convívio (cf. ARISTÓTELES. *EN*, VIII). Como a amizade exige a reciprocidade, não podemos, *stricto sensu*, ser amigos de animais irracionais, pois eles nunca podem nos retribuir à altura (assim, o cão, por mais fiel que seja, não pode ser “o melhor amigo do homem”...). Tampouco a popularidade nas redes sociais é garantia de amizades enraizadas. Afinal, quantos artistas ou personalidades famosas se afastam de suas funções, alegando depressão em virtude da solidão? Ser popular não significa, necessariamente, ter muitos amigos; antes, o contrário ocorre com frequência.

### **Amizade virtuosa ou viciosa**

O estagirita ainda sublinha que a verdadeira amizade é sempre fundada sobre a virtude: “A amizade perfeita é a dos homens, que são bons e semelhantes na virtude” (Ibid., VIII, 3 (1156b7-8)), e “é natural que tais amizades [virtuosas] sejam raras” (Ibid. (1156b24)), pois raros são os virtuosos (todo perfeito num gênero é raro) (cf. Tomás de Aquino. *Sent. Eth.*, VIII, 2 (Leon. 47.2, 452:244-247)). A amizade é ainda definida como um “consórcio na virtude” (Ibid., IX, 10 (Leon. 47.2, 537:157-158)). Para isso, exige-se o convívio, pois nada mais próprio aos amigos do que conviver. Ora, tal relação social ocorre no interior de uma sociedade política, entendida como suporte para a comunicação e a comunhão amistosa entre os homens (cf. Ibid., VIII, 9 (Leon. 47.2, 472:10-14)). Neste sentido, não há amizade puramente abstrata (ou simplesmente virtual).

A mera harmonia entre indivíduos não basta para formar e conservar as amizades. É mister que cada amigo seja, antes de tudo, virtuoso. Na verdade,

ambos precisam ser bons, caso contrário deixaria de ser uma amizade *real*. Se o bem é feito por parte de uma pessoa virtuosa, à outra não virtuosa, estaríamos mais na seara da filantropia ou algo semelhante, ou pior, se há cumplicidade no pecado, essa “amizade” seria, propriamente, uma inimizade com Deus. Tratar-se-ia ainda de uma hipocrisia, ou ainda, de uma amizade propriamente *virtual*. Neste sentido, ensina o livro do Eclesiástico (6,17): “Aquele que teme ao Senhor faz amigos verdadeiros, pois tal como ele é, assim é seu amigo”.

Os Provérbios (17,17) atestam que a amizade virtuosa é, essencialmente, duradoura (cf. *ibid.*, VIII, 2 (Leon. 47.2, 452:274)), pois a “perfeita amizade é imutável e permanente, ao passo que as demais são rapidamente modificadas” (*Ibid.*, VIII, 6 (Leon. 47.2, 462:193-195)). Já a amizade amparada por prazeres ou pelo puro utilitarismo perdura, apenas, enquanto permanece o objeto de amor (de concupiscência). Cessando o prazer ou a utilidade, cessa também a amizade (por isso é temporária). Alerta ainda o livro sapiencial (Pr 14,20): “Muitos são os amigos dos ricos”, mas quando a sua riqueza acaba... Na realidade, uma vida completamente hedonística é impossível e buscar só prazeres nos amigos é uma completa contradição.

Por exemplo, alguém tomado pela luxúria, que objetiva nos outros o próprio gozo pessoal, ou que trata os demais pela pura ótica do lucro, desfaz a suposta “amizade”, em razão de sua própria concupiscência (vício) (cf. *Ibid.*, VIII, 4 (Leon. 47.2, 454:44-57)). Na realidade, ele é amigo de sua própria concupiscência e não daquela pessoa, transformada em simples objeto de sua volúpia. Por isso, os casamentos (um gênero de amizade), cujos objetivos visam somente a satisfazer a lascívia ou a ganância financeira, raramente subsistem, pois o amor de amizade mútua é indispensável para a conservação do matrimônio. A verdadeira amizade é essencialmente desinteressada e unitiva, tal como Jônatas amava Davi, a saber: “como a si mesmo” (I Sm 18,1).<sup>7</sup>

Os deleites, porém, são necessários para a conservação das amizades ou dos casamentos. Na verdade, a amizade é como o vinho envelhecido: quanto mais duradoura, mais prazer ela causa (cf. Eclo 9,10). Antes, a

---

7. Sobre isso, cf. e.g. Vieira *In*: Franco e Calafate (dir.), 2015, v. 2, t. 2, p. 151. Diz ainda o pregador: “Assim como uma tábua não pode se grudar com outra, sem que ambas fiquem unidas, assim uma Alma não pode amar outra Alma, sem que ambas se amem” (*ibid.*).

felicidade terrena requer certa quantidade de satisfação, pois “é próprio da amizade que se tenha prazer na presença do amigo” (TOMÁS DE AQUINO. SCG, IV, 22, 3). Contudo, são os virtuosos que mais aproveitam o convívio prazeroso com os amigos, pois só há autêntico prazer na virtude: “Como homem interior, ponho toda a minha satisfação na Lei de Deus” (Rm 7,22).

A amizade corrupta pode até trazer prazeres passageiros, mas jamais alcançará a verdadeira felicidade. Por outro lado, a alegria proporcionada pelos amigos é, particularmente, importante nas provações e nos dissabores, pois é motivo de alívio e consolação (cf. *ibid.*). O misantropo, por sua vez, tem maior dificuldade de levar uma vida prazerosa e feliz, pois não tem como participar das alegrias da verdadeira amizade, além de encontrar maior estorvo para superar as vicissitudes, pois não tem um ombro amigo em quem escorar.

### **Amigos de quem? E quantos amigos?**

Se a pura solidão é prejudicial, isso não significa que devemos ser amigos de todo o gênero humano, antes de tudo, porque é impossível conviver com tantas pessoas ao mesmo tempo... De fato, somos limitados a ter apenas reduzido número de amigos, recordando que a suposta amizade “virtual” é sempre efêmera e superficial.

É ainda indispensável a existência de certa harmonia de desejos, entre os amigos. O amigo é aquele que, por definição, quer e não quer as mesmas coisas que o outro (cf. SALÚSTIO *In: SALLUST*, 2007, p. 34). Por isso, os parecidos se atraem (só no magnetismo os polos opostos se atraem...). Dessa maneira, a educação comum, a nacionalidade e as idades semelhantes muito contribuem para a formação e consolidação das amizades. Concretamente, não é natural compartilhar assuntos íntimos com pessoas muito diferentes ou desconhecidas (por isso, mais uma vez, não é possível ser amigo de muitos contatos “virtuais”).

Podemos até querer bem a muitas pessoas (benevolência), mas com poucos, bem poucos, é que travamos amizade, propriamente. Até porque, precisaríamos de muito tempo para ter muitos amigos, o que na prática é impossível. A questão na realidade é encontrar *bons* amigos, ou seja, aqueles que



são *virtuosos* (os quais são raros). Em todo caso, somente os bons são amigos de verdade, enquanto os demais são apenas simulacros, naquilo que buscam como bem nos outros (o prazer ou a utilidade), pois o interesse destrói a própria razão da amizade, isto é, o amor desinteressado.

Cumpram ainda sublinhar que para alcançar seus objetivos escusos, esses falsos amigos se munem, sobretudo, do artifício da adulação. Nesse contexto, já alertava o Papa São Gregório Magno que esses “amigos” devem ser reputados, na verdade, como inimigos, na medida em que procuram adular com louvores, falseando assim a autêntica amizade.<sup>8</sup> Além disso, já acautelava o Eclesiástico (cf. 6,8) explicando que o “amigo de ocasião” não será fiel no dia da tribulação. O suposto amigo poderá até ter pena pelo infortúnio de outrem, contudo isso não prova nada, pois esse tipo de sentimento gozamos até com desconhecidos. Por exemplo, lamentar-se por uma criança afegã, vitimada pela guerra é muito fácil... a questão é fazer alguma coisa para salvá-la.

Em suma, não adianta querer ter uma infinidade de amigos pelas redes sociais, pois a multiplicação de supostas amizades impede a convivência (condição para a amizade). Por isso, os amigos *reais* são poucos, pois é impraticável alegrar-se e condoer-se, de modo conveniente, com muitos ao mesmo tempo. É simplesmente ilusório ser amigo de muitos indivíduos. O livro bíblico do Eclesiástico (6,14-16) ainda ressalta que os bons amigos são poucos, ao utilizar adjetivos que indicam a raridade: o amigo é como um “tesouro”, “sem preço” ou mesmo um “bálsamo”. Em contrapartida, é ilimitado o número daqueles a quem podemos amar com amor de caridade, pois essa virtude é como que “infinita”, ou seja, jamais acabará (cf. 1Cor 13,8).

### À guisa de conclusão

Em suma, as novas tecnologias podem até aproximar as pessoas umas das outras, mas jamais substituirão o convívio humano, fundamento das amizades *reais*. No mundo *virtual*, podemos até ser *virtualmente* “amigos” de muitos, mas os *reais* amigos são poucos, porque poucos são os homens

---

8. Cf. Gregório Magno. *Epistula XVIII, ad Ioannem Episcopum*, liber V (CCL 140, 332:99-100): “Tanto enim maiores hostes credendi sunt, quanto magnis laudibus adulantur”.

virtuosos e escassos são os homens com quem podemos, na prática, conviver. Na dúvida, basta fazer o teste: seu amigo é *realmente* bom? E o leitor dessas linhas também é bom? Se alguma das respostas for negativa, talvez estejamos vivendo num mundo de amizades ilusórias, ou seja, puramente *virtual*...

## Referências

AELREDO DE RIEVAULX. De amicitia spirituali. In: AELREDUS RIEVALLENSIS. *Opera omnia*. Anselm Hoste; Charles Talbot (ed.). Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis, 1. Turnhouti: Brepols, 1971.

AGOSTINHO DE HIPONA. Confissões. In: AUGUSTINUS HIPPONENSIS. *Confessionum libri tredecim*. L. Verheijen (ed.). Corpus Christianorum Series Latina (=CCL) 27. Turnhouti: Brepols, 1981. (= *Conf.*).

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: BYWATER, I. (ed.). *Aristotelis ethica Nicomachea*. Oxonii: E typographeo Clarendoniano, 1894 (repr. 1962). (= *EN*).

\_\_\_\_\_. Política. In: ROSS, W.D. (ed.). *Aristotelis Politica*. Oxonii (Oxford): E. Typographeo Clarendoniano, 1957. (= *Pol.*).

BUMBY, Kurt M.; HANSEN, David J. Intimacy Deficits, Fear of Intimacy, and Loneliness among Sexual Offenders. *Criminal Justice and Behavior*. v. 24, n. 3, 1997, p. 315-331.

GREGÓRIO MAGNO. Epistula XVIII, ad Ioannem Episcopum. In: GREGORIUS MAGNUS. *Registrarum epistularum, libri I-VII*. D. Norberg (ed.). Corpus Christianorum Series Latina (=CCL) 140. Turnhouti: Brepols, 1982.

HILÁRIO DE POITIERS. De Trinitate. In: HILAIRE DE POITIERS. *La Trinité*. P. Smulders (ed.). Trad. e notas: G. M. de Durand; Ch. Morel; G. Pelland. Sources Chrétiennes (=SC) 448. Paris: Cerf, 2000. (= *Trin.*).

LEE, Ellen E., et al. High Prevalence and Adverse Health Effects of Loneliness in Community-Dwelling Adults across the Lifespan: Role of Wisdom as a Protective Factor. *International Psychogeriatrics*, s.v., 2018, p. 1-16.

MARTENS, Willem H. J.; PALERMO, George B. Loneliness and Associated Violent Antisocial Behavior: Analysis of the Case Reports of Jeffrey Dahmer and Dennis Nilsen. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 49, n. 3, 2005, p. 298-307.

MCNEIL, M. C.; POLLOWAY, E. A.; SMITH, J. D. Feral and Isolated Children: Historical Review and Analysis. *Education and Training of the Mentally Retarded*, v. 19, 1984, p. 70-79.

ROKACH, A. Criminal Offense Type and the Causes of Loneliness. *The Journal of Psychology*, v. 135, n. 3, 2001, p. 277-291.

\_\_\_\_\_. Determinants of Loneliness of Young Adult Drug Users. *The Journal of Psychology*, v. 136, n. 6, 2002, p. 613-630.

SALÚSTIO [SALLUST]. *Bellum catilinae*. 2. ed. J. T. Ramsey (ed.). New York: Oxford University Press, 2007.

SEQUEIRA, Belquior M. C. S. T. de. *Tradução livre das melhores fábulas de La Fontaine*. Lisboa: L. C. da Cunha, 1843.

SMITH, Peter Scharff. The Effects of Solitary Confinement on Prison Inmates: A Brief History and Review of the Literature. *Crime and Justice*, v. 34, 2006, p. 441-528.

SPREHE, J. T. Feral Man and the Social Animal. *The American Catholic Sociological Review*, v. 22, 1961, p. 161-167.

TOMÁS DE AQUINO [THOMAS DE AQUINO]. *Sententia libri Ethicorum*. Romae, 1969. v. 47, 1-2. (= *Sent. Eth.*).

\_\_\_\_\_. *Summa theologiae cum Supplemento et commentariis Caietani*. Romae, 1888-1906. v. 4-12. (= *S. Th.*).

\_\_\_\_\_. *Summa contra Gentiles cum commentariis Ferrariensis*. Romae, 1918-1930, v. 13-15. (= SCG).

VIEIRA, António. Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma (no Convento de Odivelas, 1644), V. In: FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro (dir.). *Obra Completa Padre António Vieira*. São Paulo: Loyola, 2015, v. 2, t. 2, p. 145-167.

WORLAND, Justin. Why Loneliness May Be the Next Big Public-Health Issue. *Time*, 18 de mar. 2015. Disponível em: <http://time.com/3747784/lonelinessmortality/>. Acesso em: 3 de jul. 2018.

YANCEY, Philip. Prefácio à edição comemorativa em português. In: Chesterton, Gilbert K. *Ortodoxia*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Artigo recebido em 08/03/2020 e aprovado para publicação em 17/03/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-4>

**Como citar:**

RAMOS, Felipe de Azevedo. Amizades reais, amizades virtuais. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 67-78, jan./jun. 2020. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)